

diálogos



no espaço democrático

A INTERNET em nossas vidas



Conversa com

DEMI GETSCHKO

cientista da computação,
engenheiro elétrico e um dos
pioneiros da internet no Brasil



diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

CUIDADO COM A INTERNET, OU FICAREMOS REFÉNS DELA

/// Nós temos que utilizar a internet como uma ferramenta auxiliar para o nosso dia a dia, mas não podemos usá-la como substituta das decisões que nós temos que tomar, porque senão ficaremos reféns dela”.

Quem dá esse conselho é alguém que estuda e trabalha com a Internet desde sua criação: o cientista da computação **Demi Getschko**, um dos pioneiros da Internet no Brasil. Em entrevista ao programa “Diálogos no Espaço Democrático”, produzido em novembro de 2020 pela TV da fundação do PSD e disponível no Youtube (<https://youtu.be/UJp2duSYo64>), ele alertou também: “Estamos tentando bloquear a propagação de notícias falsas agindo no meio e este não é o caminho. Não vamos impedir que uma *fake news* chegue pelos Correios, pedindo ao Correio que impeça”, diz.

Getschko foi entrevistado pelos jornalistas **Sérgio Rondino** e **Eduardo Mattos** e pelo sociólogo **Tulio Kahn**.

Esta publicação contém a íntegra da entrevista.

Boa leitura.



SÉRGIO RONDINO - Este é mais um programa da série Diálogos no Espaço Democrático, que é a Fundação para Estudos e Formação Política do PSD, o Partido Social Democrático. O nosso tema de hoje é a internet em nossas vidas, no presente e no futuro. Para isso, vamos conversar com um grande especialista na área: Demi Getschko. Ele é cientista da computação, engenheiro elétrico e um dos pioneiros da internet no Brasil. Desde 1995 é conselheiro do Comitê Gestor da Internet no Brasil e desde 2005, diretor-presidente do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Demi Getschko, seja bem-vindo, muito obrigado por atender ao nosso convite.

DEMI GETSCHKO - Eu é que agradeço.

SÉRGIO RONDINO - Eu agradeço também pela participação de nosso colaborador no Espaço Democrático, o jornalista Eduardo Mattos.

EDUARDO MATTOS - Olá a todos.

SÉRGIO RONDINO - E do sociólogo e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, Túlio Kahn, também nosso colaborador.

TÚLIO KAHN - Salve!

SÉRGIO RONDINO - Demi, hoje a internet está na vida das pessoas. Pensando na rotina diária, o sujeito acorda, consulta as primeiras notícias, em seguida vai olhar nos grupos da família, aqueles recados dos amigos do trabalho, vê a previsão do tempo; aí pega o carro e vai para o trabalho usando o Waze ou o Uber; lá, em sua mesa tem a internet como ferramenta indispensável, e fica navegando o dia todo; volta para casa e pede o jantar por um aplicativo qualquer e depois vai ver algum filme, alguma coisa na Netflix. Enfim, a vida moderna tornou-se quase que totalmente

“NÓS TEMOS QUE UTILIZAR A INTERNET COMO UMA FERRAMENTA AUXILIAR PARA O NOSSO DIA A DIA, MAS NÃO PODEMOS USÁ-LA COMO SUBSTITUTA DAS DECISÕES QUE NÓS TEMOS QUE TOMAR, PORQUE SENÃO FICAREMOS REFÉNS DELA.”

dependente da internet. E aí, quando fica sem energia e, portanto, sem internet, fica meio em pânico. Qual é a visão que você tem dessa dependência? Você diria que pode até significar algum tipo de risco para as nossas vidas?

DEMI GETSCHKO - Como você falou, eu tenho algum tempo de janela nesse negócio de internet e mesmo assim tenho tomado alguns cuidados. Vou dar um exemplo. A gente acaba ficando acomodado em relação às vantagens que a internet traz e hoje praticamente ninguém mais se preocupa em saber como vai de um lugar ao outro - liga lá o aplicativo e ele diz se o carro deve virar à direita e tal. Eu gostaria de ter uma ideia, na minha cabeça, de como fazer. Em geral tenho opções próprias e às vezes, de propósito, não sigo o que o aplicativo falou só para testar o que acontece como alternativa. Por exemplo, eu gosto de ler e a internet faz com que você leia muitas manchetes e muito pouco o corpo do texto. Então, você resvala nas coisas e não se aprofunda muito. Isso dá muita agilidade, porque você consegue rapidamente ter um panorama, mas é um panorama que às vezes é superficial.

Então, acredito que nós temos que utilizar a internet como uma ferramenta auxiliar para o nosso dia a dia, mas não podemos usá-la como substituta das decisões que nós temos que tomar, porque senão ficaremos reféns dela. Em vez de ela ser a nossa ferramenta, nós seremos a ferramenta dela. Eu não tiro, em absoluto, a importância da internet nos dias de hoje. Graças a ela estamos conseguindo manter um nível de vida razoável de ocupação, às vezes até mais que razoável, durante esse período da pandemia. Com a internet nós conseguimos conversar, trabalhar e fazer o diabo sem sair de casa. Mas tudo tem que ser visto como um grão de sal. Você deve saber até que ponto está entregando coisas para ela ou não. Fazendo uma analogia

boba e antiga, na minha época do primário a gente aprendia tabuada, a gente sabia somar e tudo o mais. Com as calculadoras, hoje, certamente a maioria das pessoas não tem nem interesse em fazer cálculos assim. Quer dizer: era mais importante você extrair uma raiz quadrada à mão ou é melhor usar uma calculadora? Bem, provavelmente não é tão importante saber extrair raiz quadrada à mão, mas dizem os especialistas, que entendem do assunto, sinapses neuronais são montadas quando você se esforça para pensar nessa raiz quadrada à mão. Talvez essa habilidade que você perdeu, de não fazer uma raiz quadrada à mão, roubou outra habilidade que não tem nada a ver com matemática e que você não consegue avaliar agora.

SÉRGIO RONDINO - Túlio Kahn, a pergunta agora é sua.



TÚLIO KAHN - A minha pergunta tem a ver com os sem internet. Tenho uma estimativa, não sei se está atualizada, mas fala em 53 milhões de brasileiros ainda sem internet, que é mais ou menos um quarto da população do País. E a gente vê agora, com a pandemia, as escolas migrando para o *online*, o *home office* e esse tipo de coisa. Então, já havia uma desigualdade antes e ela se acirrou nesse tempo de pandemia. A minha pergunta: qual é o impacto dessa desigualdade, considerando que um quarto da população não tem acesso à internet em tempos normais e em especial agora, nesse período de pandemia.

DEMI GETSCHKO - Essa é uma ótima pergunta e eu posso dizer que tenho o orgulho de dizer que o Cetic (*Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação*) há 12 anos gera estatísticas sobre isso. O número que você apontou provavelmente é de uma pesquisa do Cetic, que também fez alguns estudos sobre o impacto da pandemia em educação, cultura e serviços, áreas que foram fortemente afetadas. Vale a pena consultar, são interessantes esses dados. Mas a sua avaliação é a mesma que eu faria. A internet ajudou as pessoas que tinham internet a sobreviver à pandemia e aprofundou muito o desnível dos que não tinham internet porque eles não tiveram alternativa. As crianças com acesso à internet puderam assistir aulas remotas, os professores puderam dar aulas remotas. Pode não ser tão bom, pode não ser tão eficiente, não entro nessa discussão porque não é minha área de competência, mas o que é óbvio é que quem tem uma internet muito ruim ou nenhuma internet, porque não tem acesso na região dele, não tinha nenhuma tábua de salvação. Então, ficou claro que sem essa ferramenta, o desnível cresce de uma forma muito grande. Cada vez mais é urgente que se trabalhe a inclusão dos demais brasileiros na rede - e evidentemente é necessário trabalhar também como o pessoal aprende a usar a rede, como se defende contra isso ou aquilo. Mas, sem dúvida, é necessário ter esse dispositivo à mão num momento como esse e para o dia a dia. Hoje, quem não tem rede de fato começa a corrida com um prejuízo grande.

SÉRGIO RONDINO - Eduardo Mattos, sua vez.

EDUARDO MATTOS - Em cima dessa pergunta feita pelo Tulio, sobre o isolamento tecnológico de quase um quarto da população brasileira, eu gostaria que você avaliasse o papel do satélite geostacionário brasileiro, que foi lançado há menos de

A INTERNET VAI FUNCIONAR SEMPRE COMO UMA MALHA DE SOLUÇÕES QUE ENVOLVEM FIBRA ÓTICA PARA GRANDE CAPACIDADE, SOLUÇÕES LOCAIS COMO BLUETOOTH OU WI-FI PARA REGIÕES DE MENOR DISTÂNCIA E SOLUÇÕES DE MAIOR BANDA DE MOBILIDADE COMO O 5G E SOLUÇÕES DE SATÉLITES PARA ONDE NÃO HÁ ACESSO DE OUTRA FORMA

dois anos, e do programa "Internet para todos" no sentido de ampliar a oferta de banda larga.

DEMI GETSCHKO - Essa pergunta é muito importante porque os meios de conexão à internet devem ser os mais ricos e variados possíveis. Eu não acho que exista uma bala de prata para conectar o pessoal à internet - o 5G, por exemplo, é importante, mas não vai resolver o problema genérico. Satélite é importante, mas não vai resolver todos os problemas. Fibra ótica é importante, talvez seja o mais importante porque dá substância à infraestrutura. Então, o que acontece? Nas regiões onde a fibra ótica não chega, temos como solução o satélite. É a única solução para regiões absolutamente inatingíveis pelos meios físicos normais. Existem algumas novas ideias que estão sendo implementadas - por exemplo, passar fibra ótica em leitos de rio. Nós temos uma fibra ótica transoceânica e poderíamos ter fibra ótica dentro dos rios. Nós temos um sistema fluvial muito grande no Brasil, seria muito útil, poderia chegar no meio da floresta via rio, mas isso é algo que vai ser feito com o tempo. O satélite é a solução para essas regiões remotas, mas o satélite tem bandas menores e tem latências maiores. O que significa isso? Para você subir até o satélite e descer gasta meio segundo. Então, a interação fica mais lenta. Da mesma forma, por exemplo, você pode ter o 5G, pode ser ótimo para as pessoas em áreas de mobilidade urbana, mas não vai ajudar muito, por exemplo, na internet das coisas, que vai precisar de banda pequena, mas pouco consumo de energia - sensores de pH no meio do mato, para medir o pH da plantação, se está úmida ou não, qual é o grau da umidade. Quer dizer, a internet vai funcionar sempre como uma malha de soluções que envolvem fibra ótica para grande capacidade, soluções locais como *bluetooth* ou *wi-fi* para regiões de menor distância e soluções de maior banda de

mobilidade como o 5G e soluções de satélites para onde não há acesso de outra forma. Então, eu acho fundamental existir o satélite, que nunca vai cobrir todas as regiões muito remotas, mas é necessário que isso seja visto como um conjunto de soluções, e não como algo que virá e resolverá o problema.



SÉRGIO RONDINO - As chamadas *fake news* foram um tema bastante frequente neste ano. Vários países estão discutindo regras para barrar a desinformação na rede porque é um risco para a democracia, etc e tal. Só que a liberdade é da natureza da internet. Como é possível conciliar essas duas coisas? E aí, ainda nessa linha, isso não pode levar a uma fragmentação da internet? Por exemplo, a Rússia tem a internet dela, o Brasil tem a dele, a China tem a dela. Como você vê essa questão?

DEMI GETSCHKO - Vejo com bastante cuidado. Por quê? Primeiro, porque notícias falsas não são novidade, sempre houve. Segundo, estamos tentando encontrar um jeito de impedir a propagação de notícias falsas agindo no meio. Acho que isso não é a solução. Você não vai impedir que uma notícia falsa chegue pelo correio exigindo que o correio impeça isso. Você vai receber a carta falsa e vai decidir se é falsa ou não. Isso não quer dizer que o correio deve entregar uma carta-bomba. Existem gradações no processo e a gente tem que ver a quem responsabilizar. O decálogo do CGI (*Comitê Gestor da Internet*), emitido há uns cinco

anos, já dizia que o intermediário - e precisamos definir claramente o que significa intermediário -, o portador da má notícia, em geral, não é o responsável pela má notícia. Esta é uma regra clássica da comunicação. Então, você não deve afetar o meio. Não se pode tirar do ar uma rede telefônica porque um sujeito passou um trote. Eu não estou tirando a responsabilidade de cada elemento na cadeia, mas eu quero eliminar uma tutela que às vezes é feita e pode ser usada até contra o próprio indivíduo. Dizer: "Não, não se preocupe, você só receberá notícias corretas e verdadeiras". Isso nunca será assim. Sempre houve trotes, golpes do vigário e companhia. Então, eu acho que a única solução para isso é um acultamento da comunidade, que deve aprender a criar anticorpos contra notícias falsas. E a punição do gerador da notícia falsa. Você tem uma notícia falsa, que tem um dolo em si, que tem uma vantagem econômica vista, por exemplo, na cotação da bolsa para ter ganho pessoal nisso. Isso é um crime, está em lei. Então, você tem que ir atrás do causador do problema, não repassar o papel de controle ou de tutela, ou de guardião da moral e dos costumes a alguém do meio, porque se não estaremos dando poder a mais a quem já tem poder demais.

Numa posição, digamos, um pouco mais tradicionalista em relação à internet, existem, evidentemente, bons e maus clubinhos. Se você não gosta do clubinho é melhor sair dele, mas querer que todos se comportem adequadamente e impeçam que coisas que não me agradem cheguem até mim, é na verdade passar mais poder ainda a eles e tratar o usuário com tutela. Acho que não vai levar a grande resultado. Então, pode haver, sim, uma lei que impeça notícias falsas no sentido de coibir o gerador da notícia falsa. Se você reproduz uma notícia falsa, certamente você não deve ter feito isso de má-fé. Você reproduz coisas que recebe dos seus amigos pelo mesmo motivo que, numa con-

versa de bar, como diria o Umberto Eco, você fala um monte de bobagens e depois cada um vai para sua casa, cura a bebedeira e isso está resolvido. Na internet não é bem assim porque não se cura de um dia para o outro. Um dia alguém vai dizer: em 2002 você falou mal da minha mãe e isso vai ficar te assombrando para o resto da vida. Então, é um problema de evolução. Umberto Eco anotou bem naquela frase cáustica sobre a internet, e nós vamos resolver isso com o tempo. Então, eu diria que aumentar o grau de tutela dos usuários - dizer eu te protejo contra isto - não é uma solução. Pode ser um paliativo temporário, mas na verdade degenera a qualidade geral do processo. Nós é que temos que saber como não cair no conto do vigário que nos aplicam e saber como selecionar o que é correto e não é correto. E se alguém está usando dolo nisso, tem que ser responsabilizado pelo que fez.

SÉRGIO RONDINO - Eduardo Mattos.



EDUARDO MATTOS - O Nic.BR, que você dirige e que é o órgão que implementa decisões e projetos do CGI, acaba de bater a marca de 4,5 milhões de domínios ponto-br. Qual é a importância dessa marca?

DEMI GETSCHKO - Nós somos antigos nessa área. O BR foi delegado a nós em 18 de abril de 1989. No começo, os domínios eram gratuitos, to-

dos os registros eram grátis, e quando o Comitê Gestor surgiu, em 1995, para discutir como isso evoluiria decidiu que era melhor cobrar para dar sustentação ao processo e nós sempre tivemos um desempenho técnico bastante invejável. Não há notícias de queda do ponto BR que tenham eventualmente atrapalhado os sítios brasileiros que tem esse sobrenome. Então, o BR foi um sobrenome bem aceito pelos brasileiros. E ele não é um produto do Brasil, é um produto para a comunidade brasileira - você pode registrar qualquer domínio no Brasil e tem gente que tem o domínio ponto com, ponto net, seja o que for. Mas o BR, digamos, calou na alma dos brasileiros. Eles gostaram desse sobrenome, fizeram com que nós crescêssemos e quando começamos a cobrar, em 1997, 1998, para pagar primeiro os custos da equipe e dos equipamentos, logo começou a ter superávit e hoje, teoricamente, é um dos modelos mais bem sucedidos mundialmente. Nós temos uma receita bastante razoável - imagine 4 milhões de domínios a 40 reais cada domínio, essa é a nossa receita bruta - e isso é devolvido à internet. Então, as estatísticas, como eu comentei, são feitas com dinheiro do BR; os pontos de troca de tráfego, que são um grande desenvolvimento no Brasil também - o ponto de troca de tráfego de São Paulo é o líder mundial na qualidade de tráfego trocado e o do Brasil é o terceiro ou quarto do mundo. Nós temos o Cert - Computer Emergency Response Team - que cuida de segurança, temos conexões de banda larga, nós temos o pessoal que trabalha com os protocolos da web... Enfim, nós temos uma porção de centros que vivem em função da vaca leiteira que é o BR. Então, é fundamental que o BR vá bem porque sem ele fecha a torneira que alimenta esse conjunto de ações em prol da internet brasileira.

Em vários lugares do mundo o domínio de um país é tocado sem fins de lucro - às vezes por uma universidade, às vezes por uma empresa privada,

às vezes pelo governo. Mas em geral uma instituição sem finalidade de lucro. O nosso modelo original, que inclusive não tem intermediário - você faz o registro no BR diretamente ou os intermediários que ajudam nisso não recebem parte da receita -, nos gera uma receita sólida que é proporcionalmente melhor do que a dos demais países. E o modelo de repasse de volta à internet nos colocou numa posição que é bastante elogiada lá fora. Então, eu diria que o NIC é um bom exemplo de sucesso nacional, como o Comitê Gestor também é, e é usado como exemplo em vários casos internacionais. O Canadá também devolve parte do dinheiro para auxílio à pesquisa. O ponto org, que é sem fins de lucro, também ajuda a ISO, que é a International Society. Então, dessas coisas que tem simbiose na internet, acho que a nossa é uma das melhores.

SÉRGIO RONDINO - Perfeito. Túlio. Mais uma pergunta?

TÚLIO KAHN - Sim. Demi, você já estava adiantando, em outra resposta, algumas maneiras de controlar *fake news*. Estava falando da importância da cultura, da educação, enfim. Mas no Brasil a gente tem essa mania de que tudo se resolve pelo Código Penal. Vamos declarar que é crime e pronto, está tudo resolvido, como num passe de mágica. Em todo caso, há no Congresso brasileiro um projeto para regular as *fake news*. Já foi aprovado no Senado e agora está indo para a Câmara. O que você destacaria nesse projeto: o que tem de positivo e negativo nele?

DEMI GETSCHKO - De positivo é a intenção de diminuir a quantidade de *fake news* e notícias mal-intencionadas que circulam, mas eu teria um grande receio de seguir neste caminho. Por exemplo, para você dizer que uma notícia que é disseminada

para mais de dez pessoas ou 200 pessoas tem que ser de alguma forma rastreada, e os metadados seus tem que ser guardados independentemente de você ser suspeito ou não. É mais ou menos como dizer: eu quero saber exatamente quais foram as suas movimentações pessoais durante o dia, com o GPS grudado na sua testa. E se de repente você entrou num banco e houve um assalto naquele momento, você é um dos suspeitos. Ou seja, para garantir que eu posso eventualmente pesquisar um eventual suspeito, coloco todo mundo em nível de observação e de investigação constante. Acho que isso não me parece muito razoável, que todos estejamos... Vou dar um exemplo paralelo que não tem muito a ver, mas...

Dizem que a criptografia impede alguém de fazer uma investigação. Bem, se você colocar a criptografia fora da lei, você vai impedir que eu mande uma carta criptografada para um amigo - carta que eu não quero que seja lida por alguém e hoje, lamentavelmente, as coisas podem ser lidas por aí. Mas eu duvido que isto impeça que um sujeito mal-intencionado criptografe. "Eu não posso fazer isso porque é contra a lei". Ele já é contra lei. Você, ao colocar a criptografia abaixo da linha legal, impediu que o uso legal dela fosse feito e não fez nada em relação aos usos eventualmente maliciosos. Então, esse tipo de iniciativa - concordo plenamente com o que você falou - não leva a nada. Na verdade, leva a uma piora do problema. Teremos uma situação pior se não pudermos usar a criptografia. Na época do colégio a gente tinha códigos de conversas entre nós para os outros não saberem. Isso não pode ser ilegal. Eu falo com você na língua do "Pê", a gente se entende e tudo bem. É um problema entre mim e o meu interlocutor, o Estado não tem nada a ver com isso. Eu posso falar em grego com você - e particularmente eu falo - e isso não quer dizer que o Estado tenha que traduzir. Em suma, acho que precisamos tomar muito cuida-



do com esse tipo de solução que acaba sendo pior que o problema. A internet tem uma característica que por enquanto se mantém, e que eu acho muito boa, que é se comportar como um ser vivo, mais ou menos: quando você ameaça a sobrevivência dela, ela cria mecanismos. A criptografia é um negócio que tem 40 anos ou mais. E por que a criptografia entrou em moda? Porque o caso (*Edward*) Snowden mostrou que os nossos e-mails são lidos. Quer dizer, quando você abusa, a internet, como um ser vivo, reage.

Então, a criptografia é um anticorpo à violação que o Snowden apontou, da mesma forma que a navegação via Thor, que é um navegador impessoal, é uma reação ao monitoramento da navegação do dia a dia. Havia até o projeto de um provedor que queria acompanhar a nossa navegação para enviar propaganda mais direcionada - não sei se é uma

boa ideia. Por que existe *Duck Duck Go* (buscador que, ao contrário do Google, tem como diferencial a privacidade e a segurança das informações pessoais do usuário)? Porque o pessoal não quer que os termos usados na busca sejam colecionados e alguém faça o meu perfil - esse cara gosta do Corinthians, e futebol, ou não. Quer dizer, pode ser inócuo, mas pode também não ser inócuo. Acho que mesmo a lei de proteção de dados vem como reação a essa história toda. Então, você tem aí um contraponto de duas forças que de alguma forma vão se neutralizar, chegar a um equilíbrio, que é a tendência a você combater *fake news* e investigar o que tudo mundo faz, com a proteção e a privacidade dos dados pessoais. Tem que ser encontrado um equilíbrio neutro, uma coisa que nos permita conviver com isso tudo sem que a balança descambe para um dos lados.

SÉRGIO RONDINO - Demi, a internet faz parte da sua vida desde 1990. Como é que você vê, em perspectiva, a evolução dela nesses 30 anos?

DEMI GETSCHKO - Quando ela começou, no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990 era uma rede acadêmica. Nossa função na Fapesp, na época, era criar uma ferramenta que permitisse ao pessoal da academia trocar dados entre si. Eu não imaginava que iria virar a ferramenta geral de todo ser humano, colocando lá fotos de cachorro, de almoços em família. Na época, quando saía uma coisa dessas, era motivo de zombaria. O pessoal da academia dizia: "Ah, vem esse cara aí com essas bobagens, quem aguenta isso?" Porque era uma rede que tinha uma característica específica e que lentamente foi se expandindo, principalmente com a entrada do pessoal do BBS, que tinha outros interesses, e com a entrada da Web no ar. Não podemos esquecer que em 1993 a Web começa a aparecer no Brasil - ela é de 1991, 1992 - e passa a permitir não só texto em *ascii*, mas multimídia, *streaming* e o diabo a quatro. E é acessível para o usuário normal via navegador. Nos velhos tempos, para saber se um site era bom ou não, havia uma lista de lugares que tinham coisas adequadas, mas depois, com os buscadores e a Web, passou a ser possível achar qualquer coisa com muita facilidade.

Então, isso trouxe uma popularização da internet e trouxe algo que talvez não seja tão bom. Aquele primeiro conceito de que a internet era uma rede fim-a-fim, em que falo com um cara na Austrália e ninguém mais se intromete, que é o princípio da neutralidade, passou a ser, de alguma forma, substituído por situações confortáveis em que eu vivo num jardim onde me entregam tudo o que eu quero. Então, você recebe a notícia que quer, tem os amigos ali do lado e cria uma comunidade. Então, as comunidades - eu não sou



OUTRO DIA VI UMA CHARGE ÓTIMA: "ADORO A INTERNET PORQUE TUDO O QUE EU RECEBO CONFIRMA O QUE EU SEMPRE PENSEI". E NÃO É ASSIM. VOCÊ RECEBE PORQUE AQUILO FOI ENCONTRADO COMO SENDO ADEQUADO PARA JOGAR NOS SEUS OLHOS. ENTÃO, ISSO GERA AS TAIS BOLHAS



contra comunidades, obviamente - substituíram um pouco esse desbravar que havia, esse encontrar coisas na rede. Outro dia fiz até uma analogia: nos velhos tempos você dava um duro desgraçado para encontrar uma notícia na rede, o que você queria saber e tudo o mais. Hoje, com todos esses algoritmos e buscadores, a coisa se inverte. É a notícia que te encontra. Estou quieto aqui e me chega uma notícia que nem estava procurando, mas ela sabe que me interessaria. Então, não sou eu quem procura a informação, é a informação que me procura.

É uma situação complicada, mas certamente nada ofusca a qualidade, a vantagem de você dar voz a todo mundo. É claro que sair de um processo de broadcast, onde alguns falam e todos escutam, para um em que todos falam... obviamente tem uma cacofonia inicial que, espero, um dia se resolva, ou minimize. Mas eu acho que a vantagem de dar voz a todo mundo supera muito a desvantagem que nós temos, os desencontros que nós temos. Mas o risco é que a gente cada vez mais se acomode, cada vez mais seja inerte no processo, receba informações que o sistema achou que devemos receber, e isso simplesmente reforça nossas próprias posições internas, corretas ou não.

Outro dia vi uma charge ótima: "Adoro a internet porque tudo o que eu recebo confirma o que eu sempre pensei". E não é assim. Você recebe porque aquilo foi encontrado como sendo adequado para jogar nos seus olhos. Então, isso gera as tais bolhas. O alerta principal é que a gente não fique preso no processo. Às vezes consulte uma coisa que você acha que é bobagem, procure um sítio que você normalmente não procuraria só para quebrar este processo de receber sob medida aquilo que lhe agrada. E só para terminar, nessa linha que você comentou, é claro que quando tem essa exuberância de voz para todo mundo, você fica um pouco atordoado no começo. Você passa

a poder falar. Como diz o ditado popular, "quem nunca comeu melado, quando come se lambuza". Então, estamos todos lambuzados do melado da internet e vamos lentamente pegar uma toalhinha, limpar aqui e limpar ali, e tratar isso com mais civilidade.

SÉRGIO RONDINO - Eu sempre lembro a máxima latina "*verba volant scripta manent*". O perigo que se vê nos grupos é que coisas que você diz normalmente, sem problemas, em uma roda de conversa, tomam outro caráter quando comunicadas por escrito - e isso leva a conflitos entre as pessoas.

Túlio, você tem mais uma questão, não é?

TULIO KAHN - Eu lembro sempre de uma historinha da polícia política do Getúlio Vargas. A certa altura, agentes entraram na casa de um cidadão alemão e começaram a vasculhar na biblioteca, até que encontraram um livro sobre o *Führer* e levaram o cidadão para a delegacia. E o cidadão era um chefe de cozinha. *Führer* é chefe, não é? Então, essa historinha ilustra a questão da falta de contexto, quando às vezes você tenta fazer uma filtragem automática. Digo isto porque, voltando à questão das *fake news*, hoje temos uma tentativa de fazer filtragens automáticas usando a inteligência artificial. É lógico que inteligência artificial está aprendendo o tempo inteiro, mas tem gerado uma série de situações até engraçadas. São imagens da campanha contra o câncer de mama proibidas porque mostram o seio. Eu tenho amigos que foram bloqueados porque eles não entendem o contexto em que as imagens ou as palavras foram colocadas. Mas, enfim, é uma via legítima essa de usar ferramentas de inteligência artificial? Elas podem chegar a um nível de sofisticação que vai evitar esse tipo de barragem indevida? Ao mesmo tempo, a gente sabe que isso é impossível, estamos

falando de milhões de pessoas trocando bilhões de mensagens - e os provedores e o Facebook não têm como controlar isso manualmente, não é?

DEMI GETSCHKO - Primeiro, eu não teria muitas esperanças de que seja impossível fazer isso. Será possível e o pessoal já está fazendo isso em larga escala. Essa barreira cairá. "Ah, isso não dá para fazer, porque são milhões". São milhões, mas a capacidade de processamento cresce espantosamente. Segundo, concordo que é uma atividade não só inútil, mas boba. Eu me lembro, no começo, na USP, tínhamos uma coisa chamada *newsboard*, informação geral. E daí o pessoal da USP falava: "Ah, mas tem piadas, tem palavras de baixo calão, vou filtrar". Disse a eles: "Façam o que quiserem. Passo o feed a vocês e façam o que quiserem". Aí resolveram filtrar palavras relacionadas a genitália e tudo o mais. Bem, não deu uma semana e o pessoal de Medicina ficou histérico, porque nenhum artigo de medicina passava, nenhum artigo de psicologia passava. Aí desistiram, porque obviamente se viu que o caminho não era por aí.

Outro ponto que também me chocou no começo é que você falava algo irônico nas listas de discussão e o pessoal entendia literalmente. Aí começaram a aparecer as caretinhas, que graças a Deus nos livraram um pouquinho do problema porque na internet você não lê nada mais profundo. Quando você lê um livro, percebe que o autor está sendo irônico. Se eu posto só uma frase e o camarada não me conhece, ele não entende o que é irônico e o que é literal. Isso provocou um monte de brigas à toa porque o cara falou uma coisa que era o contrário do que ele queria dizer e foi entendido literalmente. Para isso surgiram as tais caretinhas, alguém rindo, alguém fazendo caretas... Estou falando disso, mas é para rir.

Então, a inteligência artificial, acho que se ela não me ajudar a identificar coisas como ferramen-

O RISCO É A GENTE SAIR DE UM PROCESSO EM QUE O HOMEM É O CENTRO DAS COISAS, PARA AS COISAS SEREM O CENTRO DO HOMEM, SAIRMOS DO ANTROPOCENTRISMO PARA O COISOCENTRISMO, AS COISAS NO CENTRO E NÓS NA PERIFERIA



ta, eu acho ótimo. Vou dar um exemplo: o *spam*, que foi um enorme problema durante muito tempo e hoje os filtros funcionam bastante bem. Eu não quero que eles removam o que acham que é *spam*, quero que marquem. Eu dou uma olhada e removo. De repente ele me marcou errado e o único erro importante vai ser jogado no lixo porque o filtro achou que era uma bobagem. Acho que esse tipo de decisão não podemos passar a eles. Na minha opinião, não devemos passar, por exemplo, decisões judiciais. Podemos pedir para a inteligência artificial fazer um enorme levantamento, dizer para onde as coisas foram, quais foram os resultados anteriores, o que parece mais comum ou mais raro, etc e tal, mas se deixarmos isso ser decidido por ela, deixarmos o nosso destino sendo levado por ela, estaremos abrindo mão da humanidade, que é uma coisa muito mais complicada. Tem “n” exemplos jocosos, como você falou, de decisões estranhas e estapafúrdias – que vão melhorar com o tempo, mas mesmo assim acho que existe um fator humano fundamental: se eu repassar meu poder de decisão às máquinas, estarei na pior ficção científica possível. Mas, como estou velho, acho que não vou chegar a enfrentar esse problema. Aconselharia o pessoal a ir com muita cautela nisso, devagar com o andor aí, que é pra lá de barro.

SÉRGIO RONDINO – Eduardo Mattos, sua pergunta, para encerrar.

EDUARDO MATTOS – Demi, olhando para o futuro, qual é a próxima fronteira da internet? O que você acha que a gente não consegue vislumbrar ainda com clareza, mas que vai acontecer?

DEMI GETSCHKO – Bem, parte dessas coisas tem a ver com inteligência artificial, com a Internet das Coisas, todas as coisas hoje têm computação e comunicação embutida, e o risco, como eu falei, é

a gente sair de um processo em que o homem é o centro das coisas, para as coisas serem o centro do homem, sairmos do antropocentrismo para o coisocentrismo, as coisas no centro e nós na periferia.

Em termos de evolução, 20 anos atrás eu repeti sem saber uma frase do Marc Wizzard, que falou sobre isso: eu acho que a internet vai sumir... provavelmente ela já sumiu. Você não enxerga a internet, você enxerga as construções sobre ela. Ninguém está preocupado com tcp/ip, ipv4, ipv6. Essas coisas estão numa camada invisível a nós. Nós estamos enxergando WhatsApp, redes sociais, essas coisas que são construídas sobre a internet. Essas coisas vão e vêm; umas vêm e têm sucesso, outras vêm, desaparecem e depois renascem... Esse é um modelo mutante sobre a rede em si. Então, a internet, como estrutura, digamos, de fundação do processo, como uma colcha de retalhos que liga milhares e milhares de redes no mundo, vai ser cada vez menos visível, exceto por um pessoal técnico, da mesma forma que ninguém mais enxerga contas, a calculadora faz tudo isso. A internet vai deixar de ser visível, mas as aplicações, não. E as aplicações têm implicações importantes sobre o *mindset* das pessoas e eventualmente até sobre a estabilidade de governos.

Quando a gente fala, por exemplo, em internet fracionada, a internet dividida entre diversos países, espero que não seja a estrutura básica dela que seja fracionada, senão a gente vai perder a possibilidade de se comunicar com esse ou aquele país. Mas talvez algumas ferramentas, alguns tipos de redes sociais, alguns tipos de aplicativos, podem ser vistos por alguns governos como, digamos, ameaçadores à estabilidade deles, e isso pode ser vestido com a etiqueta das *fake news*, da moralidade, mas no fundo são mecanismos de defesa do pessoal querendo impedir ataques por essas redes, o que acontece em alguns países menos abertos, em que certas ferramentas são proibidas.

Eu tenho sérias reservas à forma como algumas ferramentas ganham poder, mas acho que se houver essa fragmentação vai ser mais em nível ferramental e eu espero que não em nível de substrato básico, como até hoje a telefonia funciona, e ninguém vai querer que a telefonia de um país seja diferente da do outro. Então, acho que a internet, como preocupação de infraestrutura, não vai ser visível, como ninguém mais pensa em eletricidade – só ligamos na tomada e funciona. Mas as coisas sobre ela vão gerar mais e mais debates e acho que é fundamental a gente preservar – evidentemente os direitos e liberdades humanas –, mas sobretudo a capacidade de pensar. Eu jamais abriria mão do direito de decidir – de um juiz, um júri, um empresário decidir

– para uma máquina, por mais inteligente que ela pareça ser (inteligente entre aspas), porque se houver um erro aí você vai se arrepender profundamente depois e passaremos a perder o controle sobre as nossas próprias vidas. Então, devagar com o andor: ótimo que nós temos internet, mas sabendo usar não vai faltar.

SÉRGIO RONDINO – Demi, eu quero agradecer muito pela sua gentileza de atender ao nosso convite, pela sua participação bastante esclarecedora. Quero agradecer ao Eduardo e ao Tulio por mais essa presença aqui no nosso programa. E agradeço a você, que nos acompanhou até aqui. Muito obrigado e até o próximo “Diálogo no Espaço Democrático”.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Antonio Anastasia Cláudio Lembo Georgiano Neto Otto Alencar Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Diego Andrade Domingos Aguiar Neto Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Omar Aziz Robinson Faria Samuel Hanan</p>
---	---	--



www.espacodemocratico.org.br